

Bradesco quer ser o gestor dos estrangeiros na América Latina

Instituição busca liderança na gestão de fundos de ativos na região voltado para investidores internacionais

Ana Paula Ribeiro

aribeiro@brasileconomico.com.br

Sem atalhos e com consistência. É assim que a gestora de recursos do Bradesco, a Bram (Bradesco Asset Management), quer buscar espaço entre os investidores estrangeiros que buscam aplicar em ativos financeiros não só no Brasil, mas também na região. “Queremos ser reconhecidos como os melhores gestores de América Latina”, afirma a diretora executiva adjunta do banco, Denise Pavarina, ao **BRASIL ECONÔMICO**, em sua primeira entrevista desde que assumiu o cargo, em março.

Foi sob a coordenação da executiva, que antes de chegar à diretoria do banco já era diretora da Bram, que o Bradesco deu início ao processo de internacionalização da área, em 2009, com a busca de investidores estrangeiros para investir em fundos no Brasil. Atualmente são 10 carteiras com US\$ 1,6 bilhão em recursos. “Já sabíamos naquele momento desse potencial, mas sempre evitamos dar metas de valores porque é um projeto de longo prazo”, diz.

De acordo com Denise, à medida que a Bram ganha reconhecimento pelos resultados já alcançados, atrai mais recursos externos. É assim, lentamente, que pretende levar a gestora do Bradesco ao posto de liderança em investidores estrangeiros na região.

Os 10 fundos já lançados até hoje são destinados a aplicar em ativos no Brasil, tanto em renda fixa e quanto variável. A experiência “latam” terá início em 2012. A executiva afirma que já foi ampliada a cobertura de América Latina dentro da Bram e que um fundo de ações será lançado “em breve”.

Essa carteira será destinada, por enquanto, aos investidores que possuem requisitos para investir a partir de Luxemburgo, a base europeia da operação da Bram. Por lá, há opções para quatro fundos, sendo dois de renda fixa e dois de ações. O mais recente é um de “small caps” (empresas com menor valor de mercado), iniciado em setembro do ano passado. “Estamos formando aos poucos a gra-

“

O IOF atrasou os planos de todo mundo, mas não nos desmotivou. A gente encontra outros caminhos

Denise Pavarina

Diretora executiva do Bradesco

de de produtos para os nossos clientes lá fora”, diz.

Os outros fundos estão no Chile e no Japão, sendo geridos pela Bram e distribuídos por parceiros. No país asiático, o acordo é com o Mitsubishi e dessa forma as carteiras estão disponíveis inclusive para pessoas físicas — diferente da Europa, em que os principais investidores são private bankings e family offices. No entanto, a executiva afirma que, após o tsunami que afetou o país no ano passado e as mudanças na tributação para estrangeiros no Brasil, o ritmo de entrada desses investidores arrefeceu.

“O IOF atrasou os planos de todo mundo, mas não nos desmotivou. A gente encontra outros caminhos, como a renda variável”, afirma.

Distribuição nos EUA

É nos moldes da operação no Japão que a Bram quer atrair investidores dos Estados Unidos e a operação deve engrenar quando os resultados de performance passarem pelo crivo dos fundos de pensão de lá.

A gestora primeiro terá que buscar as licenças para poder ter um esforço de vendas aos investidores do país. Depois, terá que encontrar um parceiro para fazer a distribuição. As conversas já tiveram início, mas não devem ser concluídas ainda neste ano.

Para atingir os objetivos, a Bram está reforçando a estrutura global. Na Ásia, além do Japão, haverá um esforço de vendas em Hong Kong. A equipe da Europa será reforçada para buscar também investidores do Oriente Médio e terá presença permanente nos EUA após a obtenção das licenças. Na América Latina, a base é o Brasil. ■



Henrique Manreza

Denise quebrou tabu no masculino time de diretores do Bradesco